

O dia-a-dia sob a ponte

Três dos quatro filhos do casal alagoano André e Maria Cícera da Silva tiveram uma ponte como teto depois que deixaram o útero da mãe.

Vanessa, 2 anos, Genilda, 1 ano e meio, e Carolina, 7 meses, nasceram nos hospitais de Brasília.

Desde então, elas moram com os pais e o irmão Ricardo, de 7 anos, sob a Ponte do Bragueto, que liga o Plano Piloto a Sobradinho.

Há um mês, eles mudaram de endereço: estão ao lado da ponte, debaixo de uma lona de seis metros quadrados, que estala sob o sol escaldante do cerrado.

A família deixou Maceió pouco depois de Ricardo nascer, rumo a uma roça em Cuiabá. Lavrador e operador de tratores, André ficou novamente desempregado e acabou chegando em Brasília à procura de trabalho. Não conseguiu.

Pesca — Hoje, ele sustenta o arroz-com-feijão do almoço, única refeição da família, catando e vendendo latas, garrafas e papelão. Carne, só dos peixes que pesca no Lago Paranoá.

Nem os pés rachados de chão e os bumbuns pelados das crianças convencem André e Cícera de que Bra-

sília não é o Eldorado que imaginaram.

“Lá em Alagoas a gente nunca teve um pé de pau pra morar, e o que se ganha lá só dá pro leite, pro feijão e pra farinha”, justifica André.

Mesmo proibindo a mulher e os filhos de mendigar, ele jura que ali ninguém passa fome.

Roça — Analfabeto, André trabalhou na roça desde os 9 anos. Hoje, aparenta bem mais que seus 24. Cícera, depois de quatro filhos e muita estrada, já perdeu o frescor dos 21 que afirma ter.

Os apetrechos da família se reduzem a um colchão, fiapos de roupa, pedaços de brinquedos, garrafa térmica, panela de pressão e latas com sobras ao relento.

Antes de se mudar para a Ponte do Bragueto, a família morou dois anos no Centro de Assistência Social (CAS), em Taguatinga.

“Depois botaram a gente numa Kombi e iam despejar em Sobradinho, mas a gente preferiu ficar aqui”, lembra Cícera.

Ela sonha com um lote, mas o marido corrige rápido: “O governador já falou que não dá mais lote”.